



Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

14 | 2014

Ponto Urbe 14

Sagrada Arte de Coleccionar Figurinhas: Reagrupando o Futebol

Luiz Henrique de Toledo



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1710>

DOI: 10.4000/pontourbe.1710

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

ISBN: 1981-3341

Refêrencia eletrónica

Luiz Henrique de Toledo, « Sagrada Arte de Coleccionar Figurinhas: Reagrupando o Futebol », *Ponto Urbe* [Online], 14 | 2014, posto online no dia 31 julho 2014, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1710> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1710

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

Sagrada Arte de Coletar Figurinhas: Reagrupando o Futebol

Luiz Henrique de Toledo

Esse artigo é dedicado a Simoni Lahud Guedes, antropóloga dos mil futebois
“Reagrupar” inspirado em *Reassembling the social*, de Bruno Latour citado.

Bafo

- 1 Copa do Mundo! Mais uma vez os souvenirs que emprestam plasticidade a paixão torcedora são oferecidos num turbilhão de objetos e imagens ao ritmo de um multidirecionado merchandising. No meio de tantos produtos as imagens posadas e reunidas no livro ilustrado oficial, que traz os atletas que por fim desfilarão suas virtuosidades técnicas pelos gramados do megaevento, invadem e mobilizam a atenção dos aficionados e colecionadores.
- 2 Compenetrados ou descontraídos, olhos estatelados, perdidos ou desfocados, cenhos franzidos e compenetrados, lábios relaxados, apertados ou acomodados em tímidos ou abertos sorrisos (pouco importa se sinceros ou encenados), todos a exhibir uma fixidez corporal pouco usual para quem é reconhecido sobretudo pelas movimentações corporais em campo. Tal postura comumente só se manifesta no cumprimento do protocolo e obrigatoriedade impostos nas execuções dos hinos nacionais e, nesse caso, é inescapável a comparação dessa situação às rotinas de soldados perfilados a encenar regras de decoro, formalidades que preenchem grande parte das ritualizações de inculcação corporal das condutas militares.
- 3 O recorte que emoldura milimetricamente o espaço dos cromos¹ tenta igualar os corpos em tamanho e proporção a produzir uma maquinal imagem fática cuja função eficiente foi religar a todos ao tempo da Copa, antecipar emoções que estiveram por vir, encadear a memória de outras copas. No mais, cumpriu acostumar torcedores de 109 países em que

tais cromos foram comercializados² aos nomes menos conhecidos ou quase impronunciáveis, recolocando o megaevento na esfera de tantos cotidianos pelo mundo. É o jogo em estado latente, onde cada atleta estampa todo acúmulo de energia disponível que seu corpo pode reter para ser liberada quando rolar a bola, e eternizados na fixidez das imagens ostentam os uniformes e emblemas coloridos de cada selecionado.

- 4 A uniformidade por vezes desgraciosa que se impõe à condição de retrato oficialmente capturado para esse fim evoca certa monotonia ditada pelo plano chapado que confere bidimensionalidade ao que se vê, em princípio empobrecendo a gestualidade complexa desses corpos treinados para a movimentação. Além do mais, a edição muitas vezes descuidada dessas imagens retira dos jogadores o naturalismo suposto nos corpos, reorientando o olhar para a produção de outras texturas, acentuando fronteiras entre cores, demarcando certos traços físicos, sugerindo até mesmo certos traços da personalidade esportiva de cada um (quem é um jogador irrequieto, quem é “matador”, quem é “cerebral”), de modo que as figurinhas fiquem entre o retrato e a caricatura.
- 5 Uma das novidades da versão 2014 do livro ilustrado, criticada por alguns por poluir as figurinhas de informações, está contida nas bordas de cada cromo que traz a data de nascimento, o peso e altura de cada atleta, além da filiação clubística de momento, a complementar aquilo que as imagens somente do torso pra cima podem oferecer pelo simples olhar. Outra controvérsia que é sempre alvo da falação entre colecionadores é o fato dos jogadores dessa galeria nem sempre coincidirem com aqueles que serão selecionados, uma vez que a empresa segue a tendência de convocações passadas, esperando que os contratamentos sejam os menores possíveis³.
- 6 Em princípio a disposição das imagens dos jogadores a cada página percorrida subtrairia desses atletas, ídolos em variadas escalas, as particularidades que conferem às suas biografias densidades distintas. Em edições mais antigas o rumor era de que havia distinção e graus de dificuldade em conseguir determinados cromos, suposta menor oferta sobretudo de jogadores mais famosos, dificultando encontrá-los nos pacotinhos, fomentando jogada de marketing na direção do maior consumo da parte dos colecionadores. Figurinhas carimbadas também fizeram parte do imaginário dos colecionadores. Hoje, tal distinção não é mais notada e as empresas responsáveis negam tais estratégias para que todos possam completar a coleção sem obstáculos, preenchida de modo mais uniforme, do mais desconhecido jogador ao mais aclamado. Evidentes sinais de outros tempos em que se resguardam os consumidores da sanha do mercado.
- 7 Apropriadas por milhares de anônimos que as tateiam freneticamente, figurinhas oferecem a curiosa experiência sensível da manipulação dessas personalidades esportivas, passando de mão em mão num fluxo contínuo de trocas que se perdem as vezes em cadeias extensas. E no preenchimento de um único exemplar colaborarão inúmeros colecionadores conhecidos e desconhecidos, deixando o rastro de redes de escambo e compra, trocas equivalentes ou não, que se justapõem e ditam o ritmo dos encontros entre colecionadores. Tenho fulano aqui, troquei sicrano por tantos outros, você já tirou beltrano, esse outro tenho vários repetidos, são frases comuns desse processo de acumulação de figurinhas próprio ao colecionismo.
- 8 No entanto, provavelmente uma das graças em colecionar esteja mesmo no ajuntamento desses retratos, improvável momento em que todos se encontram numa espécie de colmeia de craques que se forma a medida em que o livro ganha novos cromos. Uma figurinha sozinha não faz o verão esportivo dos colecionadores e o prazer que um livro ilustrado carrega vem desse fruir classificatório que dele emana. Uma única figurinha que

falte parece desmoronar todo o constructo e a fantasia da totalidade se coloca como experimento de grande persuasão.



- 9 Além do mais a experiência de folhear rapidamente as páginas, passando seguidamente cada seleção, traz a vertigem que se tornou constitutiva da vida urbana, porque mistura as feições dos jogadores, produzindo sensações próximas àquelas que nos arrebatam em meio à multidão comprimida num estádio ou dispersa na movimentação de uma grande cidade. Porque, afinal, o livro não deixa de remeter a uma “cidade imaginária”, invisível como sugere o escritor Ítalo Calvino, vocacionada em torno de uma única atividade, porém multiétnica como nenhuma outra, onde saltam aos olhos a geografia fantástica e depurada, um mundo somente com 32 nações, encadeadas ou reagrupadas utopicamente numa arena desprovida de conflito.

Retrato 3X4



Ajuntamento de colecionadores num shopping na cidade de São Paulo no domingo de Páscoa (20.04.2014).

- 10 Retrato consiste na forma representacional presente em muitas tradições, e no chamado “ocidente” no modo como tantas personalidades e santos apareceram figurados por séculos na vastíssima iconografia. A medida em que a sociedade laica e individualista ganhou projeção e adquiriu status jurídico alcançou também o homem comum. As condições não “naturais” de uma imagem permanentemente fixa já permitem que deslocamentos simbólicos operem pelo simples afastamento e contemplação. Se os corpos devem servir-se dos movimentos que os fazem vivos, a permanência acaba lançando-os ao plano da especulação em muitas direções. Imagens não representam somente o que quer que seja, mas recolocam continuamente no fluxo das percepções e apropriações aquilo que originalmente foi tomado do protótipo.
- 11 Já a ideia de “retrato 3x4” serviu em todos os cantos desse mundo moderno para atualizar o simbolismo do individualismo capturado pela lógica dos Estados laicos, impondo aos retratados os limites seguros de uma condição estabilizada e oficial do “eu”, a existir sob os ditames da lei, e que transposto para outras esferas segue produzindo novas apropriações⁴, como parece ser o caso da música popular ou o universo cinestésico do futebol. Tomo aqui exemplos caseiros para exprimir algo mais universal.
- 12 Na música popular brasileira, por exemplo, quer nas versões mais acomodadas no que ficou conhecido por MPB ou em segmentos mais populares que se sucedem continuamente em sub-gêneros (sertanejos, neo sertanejos, bregas etc) o mote narrativo centrado na ideia do retrato 3X4 exprime quase sempre algum sentimento de perda, quer da própria identidade em situações específicas (o sujeito enfrentando a cidade grande, a

metrópole violenta, como narra uma música de Belchior em início de carreira) ou relacionadas ao núcleo das relações amorosas e suas devastadoras consequências (desgostos, lembranças, saudades, perdas) para a permanência do “eu” subjetivo; testemunhos de situações ou relacionamentos que se esgarçaram, biografias que enfrentaram os mais diversos percalços e provações. Os exemplos se multiplicam e projetam no imaginário musical as incertezas dos jogos da vida em que o “eu” estaria o tempo todo sob sucessivos ataques das circunstâncias e emoções. O retrato estamparia a fugidia noção de uma relação atropelada pelo torvelinho da vida urbana:

- 13 “(...) E hoje ela vive lá no céu. E ela vive bem juntinho de nosso Senhor. De lembranças guardo somente suas meias e seus sapatos. Iracema, eu perdi o seu retrato” (Iracema, Adoniran Barbosa) ⁵.
- 14 Mas é no esporte que o retrato 3X4 adquire menos a projeção de mártires das circunstâncias subjetivas que envolvem as biografias para dar lugar a outra condição, a de ídolos, evidente sacralização que se insinua e que serve de contrapondo a imagem em princípio dessacralizada dos cromos, afastando os jogadores tanto da condição jurídica, genérica e legal ostentada nos retratos de documentos, quanto da ideia de unidade psíquica vitimizada pelos percalços que servem de mote à música popular.
- 15 No futebol, tais imagens seguem povoando o imaginário, alimentando controvérsias e marcando o modo expressivo com que fragmentos e expressões fugidias do sagrado são demandados no interior das práticas esportivas. Pois são historicamente os esportes um dos lugares privilegiados de intensa produção de ídolos laicos por todo o mundo, “deuses vivos” adorados, temidos ou odiados por expressivas coletividades morais e políticas sempre dispostas às mais variadas formas de contemplação e ou destruição de suas imagens, fazendo do domínio esportivo algo que vai além das definições que os retém como atividades desinteressadas, lúdicas e fugidias.
- 16 Já os álbuns, hoje adaptados ao português na expressão Livro Ilustrado Oficial, tradicionais e consagrados desde a primeira copa realizada no Uruguai (1930) em muito antecedem este movimento da FIFA em controlar (licenciar) todas as formas imagéticas que dizem respeito à organização de uma Copa do Mundo. E seguem muito populares nas mãos de jovens e adultos colecionadores, que se entregam às frenéticas trocas de figurinhas dos ídolos ou quase ídolos pelas praças, shoppings, ao redor das bancas de jornais, redes sociais e aplicativos, praticando escambos em regime de reciprocidade e sociabilidade sob a tutela dos interesses econômicos da megaentidade futebolística e da Panini, multinacional responsável pela comercialização, que no mês de lançamento no Brasil, abril de 2014, esperava distribuir mais de 8 milhões de exemplares⁶.



Revistaria e Tabacaria na cidade de Blumenau (SC).

17 O colecionismo traduziria, então, passividade e captulação torcedora diante de tanta maquinaria consumerista que se impõe? Talvez, mas é interessante também colocar os cromos no registro estético da contemplação ritualizada de algum sagrado que ainda se insinua na relação entre torcedores e seus supostos ídolos.

18 Poucos dias de comercialização pela Panini foram suficientes para suscitar a grita geral em relação às “figurinhas institucionais”, cromos que pela primeira vez trouxeram estampados não a imagem de cada jogador, mascotes ou símbolos das respectivas seleções em disputa, mas patrocinadores, “parceiros promocionais” como nomeia a empresa responsável, mobilizando colecionadores nas redes sociais que exigiram alguma explicação. Matérias nos sites deram destaque ao fato:

“é preciso lamentar a inclusão de nove figurinhas relacionadas a três anunciantes. Em tese, o colecionador poderia ignorá-las, mas a Panini não deixa. Estes cromos vêm misturados nos pacotinhos. Ou seja, você compra um pacote com cinco figurinhas por R\$ 1,00 e, entre elas, há uma de publicidade”⁷.

“Consultado pela reportagem, o Procon-SP, órgão de defesa do consumidor, informou que não vê irregularidades no fato do cromo patrocinado estar sendo vendido em duas pontas, para a empresa anunciante e para o consumidor final. Ainda assim, a entidade civil Proteste - Associação Brasileira de Defesa do Consumidor, entende que pode estar havendo oferta enganosa por parte da Panini. A alegação é de que o consumidor está sendo obrigado a pagar por algo que não espera encontrar nos envelopes. A entidade também notificou a editora para que informe, nos pontos de venda, a possibilidade de troca dos cromos patrocinados por quem se sentir prejudicado”⁸.

19 Nos comentários de colecionadores que se seguem à reportagem “Não sabe porque colecionar álbum da Copa? Especialistas dão 10 motivos”, de Felipe Noronha para o site da UOL pode se ler:

“Às vezes penso colecionar, porém o álbum sai antes da convocação das seleções e como aconteceu na copa passada, jogadores não convocados estão no álbum e os convocados ficam de fora (ex.: Na copa passada tinha figurinha do Ronaldinho ele ficou fora da seleção) "Este" tipo de situação que avacalha....não serve com "fonte" histórica para mostrar à futura gerações, pois o álbum é inverídico nas informações de jogadores que participaram da copa.... Sem falar nas seleções de outros países que terão jogadores "cortados"...é lamentável (Metalgolds)

“O álbum está muito bom. As figurinhas mostram os jogadores e seus uniformes, exceção da Inglaterra, onde as fotos estão muito de perto. Os álbuns do futebol brasileiro que precisam melhorar a qualidade. Só aparece a cabeça do jogador, sem o uniforme, por isso parei de comprar figurinhas do Brasileiro. Tem que aparecer o uniforme do time, a camisa. (Azeredo)⁹

Juntando as coisas

20 Se seguirmos os ecos de alguma antropologia que focou os esportes e o leque de interpretações disponíveis o livro ilustrado poderia ser concebido como espaço em que a homogeneidade ou uma horizontalização das imagens ali contidas metaforizariam no plano simbólico a experiência das sociedades individualistas, circunscrevendo-os à utopia democratizante constitutiva da competitividade meritocrática, que de antemão se oferece como possibilidade para que todos debaixo das mesmas regras possam exercitar suas plenas capacidades corporais individualizantes.

21 Diria que esta antropologia estaria amparada mais na imagem contida na noção de retrato (que individualiza, que legisla sobre a pessoa, átomo da “sociedade”). Opto pela imagem

que emana da própria figurinha e que guarda sua expressividade na ideia de ajuntamento, recomposição, aludindo a um fake, mesmo algo próximo ao kitch. O propósito seria desenraizar um pouco a noção de indivíduo, desde que tomado como entidade fechada e circunscrita. Não é do Neymar ou outros quaisquer jogadores que trata o álbum, ou das qualidades desses jogadores, mas da própria imagem, a partir do que elas podem evocar e transformar. Imagens que se juntam a outras imagens para criar outras mais. Coletadores agrupam figurinhas e figurinhas ajuntam coletadores.

- 22 Mais acima fiz a menção de que o prazer em juntar retratos (figurinhas) num livro ilustrado poderia remeter a uma metáfora de ordem mais sensível, a simples imagem de uma colmeia de craques como experiência dos ajuntamentos de figurinhas no álbum e dos coletadores no torvelinho das trocas que ocorrem pelas cidades. A especulação seguinte é se uma mera coleção desse tipo poderia servir como exemplo de bricolagem. Para Lévi-Strauss uma bricolagem consiste numa inquieta remontagem de elementos díspares que carregando cada um fins singulares e integrando conjuntos originais e heteróclitos acabariam transformados em meios a produzir novos conjuntos e finalidades.
- 23 Assim a bricolagem seria marcada pela falta de projeto, na manipulação aparentemente ad hoc e improvisada do artesão. Todavia Lévi-Strauss não vê mera espontaneidade na bricolagem e afirma que ela repõem alguma ordem no caos dos significantes (das coisas) e mesmo que não opere por conceitos mais universais (o bricoleur não é conduzido por projetos de engenharia), também não se entrega à ordem das sensações tão somente, fazendo intervir outra, a dos signos concretos, mediadores entre a percepção sensível e o significado. As figurinhas como signos concretos nos remete a noção mais geral, ao conceito de copa do mundo.
- 24 Vale ao menos reter no emaranhado argumentativo do autor essa noção de reversibilidade entre meios e fins, onde significantes reverberariam novos significados ao serem manipulados e objetos partícipes de conjuntos díspares podem se associar a novos conjuntos formando outros sucessivamente com os mesmos elementos (signos) disponíveis.
- 25 Mas acontece que as figurinhas sempre são todas numeradas, a versão 2014 de 00 a 639, a compor um conjunto pré-concebido pelos usos a que se destinam, portadoras de lugares precisos dentro do álbum, que por sua vez serviria de plataforma para acomodá-las. Então como ver a arte da bricolagem aí?
- 26 Um álbum seria como uma estrutura pré-fabricada onde o máximo que fazemos é recompô-la como um brinquedo lego a partir das regras implícitas de construção (colar as imagens/figurinhas nos lugares indicados) dadas de antemão, assim como um projeto que já faz vislumbrar toda uma edificação na mente dos engenheiros. Ao que tudo indica, portanto, parece cessar dentro de uma ordem mais conceitual e classificatória (a ciência do colecionismo) e assim fracassaria tomá-lo como exercício de bricolagem. Mas o movimento não cessa nele mesmo e todo o álbum poderá entrar em outras aspirais em que poderá sofrer alguma intervenção e servir de meio para fins inesperados, ainda que por hobby, passatempo e sociabilidade. E essa parece uma ideia interessante que escaparia ou produziria algum vaso comunicante entre estrutura e evento.
- 27 Para autores como Damo (2007) a bricolagem estaria em outro lugar, na prática do futebol ou numa matriz de sociabilidade que se desenvolveu, acrescentaria, dentro do multiverso do futebol. Aí é que se verifica as potencialidades da bricolagem: “por futebol bricolado são compreendidas as configurações nas quais se admite as mais diversas variações a

partir da ‘unidade futebolística’. Como não há agências para controlá-lo, não há limites para a invenção e/ou adequação de códigos situacionais, destacando-se, sobretudo, as distorções em relação ao football association. Poder-se-ia denominá-lo de futebol de improvisado ou informal, mas o termo bricolagem é mais apropriado, pois não supõe a ideia de déficit” (2007:40). E sendo o livro ilustrado produto do futebol profissional a ele estaria comprometido. Não há figurinhas de jogadores da várzea.

- 28 O livro ilustrado poderia ainda ser tomado como uma espécie de modelo reduzido da Copa do mundo? Nesse sentido, e ainda pensando nas proposições lévi-straussianas, ganharia alguma fruição estética muito próxima das obras de arte que renunciando às dimensões sensíveis apelaria para a aquisição de dimensões inteligíveis da parte de quem as usufrui. E contemplar a sua organização de figurinhas remeteria metaforicamente às refregas em campo e serviria de modelo reduzido visando fruição estética do jogo. Sabe-se que há uma movimentação ou conversão desses livros ilustrados em objetos de apreciação estética valorizados dentro da lógica de mercado muito próxima ao dos objetos convertidos em peças de arte. Uma rápida busca em sites de venda, por exemplo Mercado Livre, atestará a valorização (comercial e estética) que esses itens adquirem com o tempo.
- 29 Há, entretanto, possibilidades interpretativas que recolocam o aludido livro ilustrado numa sequência de eventos sem necessariamente remetê-lo a outros estados de coisas que não ele mesmo. E aqui vale pensá-lo menos como um efeito de alguma verdade que estaria por detrás do evidente empreendimento de marketing da Copa ou ainda menos como efeito de alguma verdade sócio antropológica por onde algum social in totum se evidenciaria como última instância.
- 30 A pomposa expressão oficial livro ilustrado é tomada no linguajar popular por outra mais aderente, álbum de figurinhas, aliás, como aparece na sua versão em inglês (Oficial licensed sticker album). Álbum remete a noção primeira de espaço de ajuntamento de coisas compatíveis e classificáveis, daí aparecer nos dicionários associada à noção de catálogo, sobretudo de fotografias ou músicas, ou ainda suporte para salvar outras memorabilias.
- 31 Mas desdubro livremente essas definições para tomá-lo como lugar de participação de coisas a respeito de algo, ou simplesmente coisas reagrupadas e em relação, fazendo a definição deslocar do próprio álbum e da sua rígida estrutura classificatória para as coisas provisoriamente nele contidas. Provisoriamente não porque as figurinhas descolarão dele, mas porque está implicada aí outra concepção e usos dessas imagens/retratos que podem surpreender a noção classificatória de representação.
- 32 Aliás, é o que designa outra expressão muito popular, juntar figurinhas, prática que cerca a arte do colecionismo, mas liberando os cromos do confinamento dentro do espaço inicialmente concebido. E servindo para muitos outros propósitos as figurinhas são reagrupadas nas conhecidas competição de bater bafo, ou fins decorativos, coladas em outros suportes e propósitos burlescos. O principal jogador argentino, Messi (que integra os três últimos álbuns), não raras vezes é colado de ponta cabeça pelo colecionista brasileiro, alimentando relações jocosas e a rivalidade entre Brasil e Argentina tão comuns, sobretudo nesses momentos. Seria como se pudessem embaralhar frações de sua pessoa e magicamente impedi-lo de atuar bem nos jogos de sua seleção.
- 33 Assumo livremente a ideia de “arte” num sentido artefactual do termo, ao gosto de autores como Gell, para quem elidir a distinção conceitual entre arte e artefato, que em princípio estariam dicotomizadas etnocentricamente pelo juízo estético (contemplação estética

versus instrumentalidade), faz sentido na medida em que há complexidade de potências em jogo, ou melhor, agências nos objetos artefatuais que presentificam significados que vão além da mera instrumentalidade muitas vezes a eles imposta de fora.

- 34 E aí questões como porque uma máscara ritual poderia ser tomada por arte e uma rede de pesca não (Gell, 2001) mobilizaram toda uma discussão a respeito do estatuto artístico dentro da antropologia. Mas a discussão do autor se valeu sobretudo para atizar e refinar os propósitos comparativos, evitando reducionismos estéticos que frequentemente recaíam sobre objetos de sociedades afastadas do repertório conceitual ocidentalizante de beleza. Mas creio valer os argumentos para pensar objetos ou artefatos mais próximos do universo urbano como os álbuns e suas figurinhas na medida em que estes mobilizam agências e se enredam em fluxos relacionais para além da evidente instrumentalidade consumerista a que estão destinados.
- 35 E assumindo um ponto de vista latouriano (Latour, 2004) e repensando o que foi dito resumidamente sobre arte em Gell, o livro ilustrado, em princípio objeto portador da qualidade de informar com imagens, seria menos um artefato de ilustração congelado no sentido preciso de informar sobre algo alhures, portanto externo, uma “coisa” na acepção metodológica durkheimiana, para adquirir alguma potência de transformar.
- 36 Para Latour as imagens não podem ser congeladas na ideia de representação ou retiradas do fluxo de encadeamentos a que se dedicam ao ser manipuladas, aproximadas, embebidas de outras coisas. E o que vemos é menos o estado da contemplação que esses álbuns possam oferecer, um “conceito” que remeteria à Copa, e mais uma espécie de objeto de conversão de imagens nas mãos dos colecionadores, imagens em transformação, que instauram o frenesi na busca pelos cromos. E aí jovens, adultos, homens, mulheres, velhos, cumprem corromper inclusive categorias mais estabilizadas que definiriam o dito universo representacional do futebol, a começar pela categoria “torcedores”.



- 37 A imagem ao lado exibe a camiseta do grupo Álbum de Figurinhas da Copa do Mundo 2014 Panini - Troca-Troca e Encontros encabeçado por Gustavo Passi no facebook. Esses “torcedores de figurinhas” no início de abril (precisamente no dia 3) totalizavam 12200 membros, em 26 do mesmo mês os números alcançavam 12377. Grupos assim fazem e se desfazem continuamente nas redes sociais e ganham mobilidade nos espaços urbanos através dos encontros presenciais. Voltaremos a eles na finalização desse texto.
- 38 Mobilizando aqueles que acompanham ou pouco acompanham jogos de futebol, torcedores, pouco torcedores ou simplesmente não torcedores, o vórtex de imagens produzido pelas figurinhas presentifica não a crença no jogo e nas regras estabilizadas

que o constituem, sequer há credulidade nas entidades e corporações que mantêm o futebol, e penso que seria demais justificar as figurinhas pelo valor democrático e fugidio que parece emanar da experiência disjuntiva da competição esportiva.

- 39 Artefato transformacional por excelência, as figurinhas e o colecionismo que estimula parecem mais refratários aos interesses imediatos que as fixam no universo econômico do consumismo que, de resto, movimentam o futebol profissional. Figurinhas transformam torcedores e não torcedores em colecionadores, subvertendo duas séries caras ao futebol institucionalizado e instrumentalizado pela FIFA, que tem no par jogadores e torcedores sua substância ideológica fixa por onde circula a economia das emoções gerenciada pela megaentidade. Coletar seria englobado ou domesticado pelos ditames da FIFA e suas parceiras comerciais, afinal um álbum é só mais um item do amplo repertório de coisas alusivas à Copa, mas vale pensar que ao mesmo tempo a ela os álbuns não pertencem completamente.

Ópio do povo ou tempos de iconoclastia?

- 40 Iconófilos, torcedores agregam às suas pessoas um panteão de ídolos e imagens que incham seus “eus”, tal como preenchem os álbuns colecionáveis, produzindo mediações entre o corpo e o jogo. Ídolos são mestres das técnicas, conselheiros de boas ou duvidosas condutas, amigos inseparáveis da memória sobre essas técnicas, são copiados, reinventados, mediadores da cultura esportiva por excelência. Dirá Latour para um outro contexto de imagens: “a iconofilia consiste, mais propriamente, em continuar o processo iniciado por uma imagem, num prolongamento do fluxo de imagens” (Latour, 2004:370). Quer dizer, nada deve ser retido na representação ou no simbolismo objetivado e social de uma “crença” e nesse sentido as figurinhas se mexem fazendo as pessoas se mexerem, perdendo a fixidez inicial que as resguardam na concepção original de retrato ou mesmo na noção de trabalho morto presente no conceito de mercadoria, que também são.
- 41 Num momento em que há deliberada política em converter e estabilizar torcedores em consumidores, descolar os ídolos de seus lastros morais e os lançarem à condição ubíqua e anódina de “profissionais” (como se pudessem amesquinhá-los à condição de “retrato oficial”), capturar e desconstruir as formas do jogo em ciências do movimento, interpelar a pessoa dos atletas através das terapias da motivação disciplinar e dispor em quantificações os usos do tempo e do espaço do jogo, vivenciamos embates entre formas de idolatria e iconoclastia a embaralhar os sentidos desse consumismo que aflora de quatro em quatro anos em torno de uma Copa do mundo.
- 42 As mãos poderosas da FIFA seguem impondo no formato dos megaeventos o cálculo racional do consumo ampliado do jogo onde se vê alguns desdobramentos mais dramáticos de racionalização das formas de torcer (Toledo, 2002; 2012) e adoração dos ídolos futebolísticos. A lei de nº 12663 de 5 de junho de 2012, mas conhecida como “lei geral da Copa”, que pesou sobre os organizadores e comitês locais expressa o tamanho da ingerência que conduziu a organização do megaevento sediado no Brasil, farto material que pode ser consultado na mídia e numa bibliografia disponível.
- 43 Talvez ganhemos em perspectiva crítica se levar em consideração, para além da visão econômica que denuncia o trato da Copa como um multinegócio, as dimensões do reagrupamento a que se prestam tais álbuns de figurinhas como contraponto ao poderio da FIFA sem que tenhamos que igualmente desencantar ou subestimar a importância da

mobilização popular em torno do futebol a produzir alguma emoção em tempos de barricadas contra a Copa nas ruas e arquibancadas vazias nos estádios dos campeonatos locais (Toledo, 2012b, 2013).

- 44 Extrapolando em muito algumas considerações de Latour sobre as intervenções mais fantasmagóricas da racionalidade: “a mente crítica é a que mostra as mãos dos humanos agindo em todos os lugares, a fim de trucidar a santidade da religião, a crença nos fetiches, o culto ao transcendente, os ícones mandados do céu, a força das ideologias. Quanto mais se puder ver que a mão humana trabalhou em uma imagem, mais fraca será a pretensão da imagem de oferecer verdade” (Latour, 2008:117).
- 45 Ao desconstruírem ídolos, e com eles suas manhas e artimanhas, a iconoclastia pura busca alcançar alguma “verdade” depurada e sem mediadores. Mas um futebol sem mediadores e sem imagens não é exatamente o que apregoa a FIFA, ciosa das alianças que estabelece com as imagens e a produção intensiva de ídolos esportivos. O problema não é alcançar alguma verdade esportiva depurada sem a presença de imagens mas domesticar outras tantas concorrentes que historicamente apropriaram de imagens futebolísticas.
- 46 A relação entre a confecção (das jogadas, dos gols, da emoção, enfim) e a fruição torcedora (como se vestir, como assistir, como se comportar, o que comer) tem sido tomada cada vez mais pelo signo da depuração dos inscriteiros libertos dos ruídos de fundo do e sobre o jogo, bem como da sociabilidade que instaura.
- 47 É dentro desse espaço que se deve coibir o drible “desnecessário”, inquirir a vida mais íntima “desregrada” dos jogadores, censurar o comportamento “desajustado” dos torcedores, se atemorizar frente as cidades “incontroláveis” que não puderam disciplinar adequadamente os espaços urbanos que serviram de entorno das novas arenas erguidas pelo Brasil afora. O “Padrão FIFA”, tal como é conhecido o conjunto de medidas disciplinares do fato esportivo, ao se espriar deve controlar as imagens veiculadas, a escolha e gerenciamento dos signos e símbolos (mascotes, cartazes, objetos, souvenirs de todos os tipos), a comensalidade permitida, daí toda a celeuma gerada desde 2012 em relação ao controle sobre a comida de santo, os acarajés servidos aos torcedores em jogos da Copa em Salvador, na Bahia, e outras como o feijão tropeiro mineiro.
- 48 Parto das provocações de Latour (2008) sobre o conceito de iconoclastia, propriedade retida em alguns fenômenos ambíguos que cumprem funções mediadoras e de deslocamento na guerra entre convicções religiosas, artísticas, ideológicas e científicas. A ideia é que o futebol, modalidade entre os esportes que dialoga intensamente com todos esses outros domínios, também produz aqui e ali seus iconoclashes, estimulando controvérsias que firmam contrapontos ou desestabilizam o movimento iconoclasta de depuração fenomênica promovido pelos que organizam o futebol profissional contemporâneo.
- 49 Ao propor um profissionalismo sem a mediação de outros, porque ciosa de seus interesses a FIFA produz iconoclastia ao seu modo em nome de uma tecnocracia a gerir um espetáculo sem arestas. Nada parece escapar-lhe. Os acarajés soteropolitanos parecem servir de exemplo iconoclasta no momento em que foram colocados numa posição de disputa intensa e guerra pelos significados embutidos na Copa, só fazendo aumentar a desconfiança retórica do “Copa para quem?”, que animou os movimentos contra o megaevento que espocaram aqui e acolá.
- 50 As críticas ferrenhas do ex-jogador Romário, um tetra campeão que agora da tribuna da câmara dos deputados em Brasília condena de modo geral a condução da realização da Copa pareceu um exemplo sugestivo de propulsão dessas ambiguidades que brotam do

- interior do futebol profissional. Figurinha carimbada do futebol brasileiro seu posicionamento o afastou consideravelmente da arena ufanista que, de resto, conviveu com críticas generalizadas em relação aos legados do megaevento (Damo, 2012).
- 51 A blindagem ao megaevento e resguardo dos interesses da FIFA conviveram até às portas do jogo de abertura com índices de rejeição sem precedentes. Em abril de 2014 pesquisas indicavam 55% de rejeição popular e o sentimento era de que a Copa traria prejuízos ao país (Folha de S. Paulo, 08/04/2014).
- 52 Mas as figurinhas mantiveram o sucesso notável de outras vezes, a produzir a adoração das imagens reapropriadas que fomentam a sociabilidade da troca embebida de experiências inter geracionais, maior tolerância entre gêneros, experimentações de um prazer na manipulação das personas famosas exibidas numa galeria permanentemente aberta.
- 53 Embora nem tudo que se vê dentro do universo material circunscrito pela FIFA em sua Copa do Mundo possa reter tal propriedade iconoclash, vale a ideia mais geral de que imagens sobre o futebol podem extrapolar os significados instrumentais a que foram destinadas, produzindo continuamente ambiguidades e outras apropriações. No mais, faço uso também da noção de imagem que o autor nos oferece, em consonância a perspectiva de Gell: “(...) por imagem queremos dizer qualquer signo, obra de arte, inscrição ou figura que atua como mediação para acessar alguma outra coisa” (Latour, 2008:114).
- 54 Pelé e Maradona, figurinhas de tantos álbuns de copas passadas, podem servir de bons exemplos de imagens idolatradas que de tempos em tempos se convertem em figuras iconoclashes. Instados a ícones pelas coletividades torcedoras em seus respectivos tempos a permanente apropriação desses jogadores na forma de imagens hiperbolizadas de suas características corporais, morais, técnicas e éticas insinuam um deslocamento paradigmático que segue mantendo a tensão entre a condição de ídolos sacralizados, expostos a partir da contemplação inquieta dos fãs, e a dessacralização biográfica¹⁰ que os confinam ao reino da técnica depurada, aos imperativos cientificistas que tentam explicar seus talentos ou à crítica moral que pesa sobre eles de tempos em tempos.
- 55 A construção, destruição e reconstrução das imagens desses ídolos, e muitos outros tomados como exemplos que se multiplicariam continuamente em contextos regionais ajustam-se à ideia de que o acesso direto à fruição do jogo se dá cada vez mais pela busca de alguma “verdade esportiva” depurada e amparada na objetividade, ela própria fantasmagórica porque liberta das mãos dos homens que creem nos seus padrões, espécie de mão invisível da economia das emoções esportivas.
- 56 A tentativa de destruição das imagens sacralizadas e revisionismo das biografias ganharam nos tempos que correm uma velocidade inimaginável e jogadores na ativa alçados a condição de ídolos tornam-se vilões em meses, gerando novas imagens e signos que alimentam outras tantas formas de sacralização e dessacralização. O controle sobre as biografias dos jogadores é parte íntima desse processo do qual o padrão FIFA tenta ser o grande operador.
- 57 Mesmo não abrindo mão das imagens consagradas, há ainda outras formas de iconoclastia que pretendem com seus revisionismos atualizar Pelé, Garrincha, Maradona ou remontar Cristiano Ronaldo, Messi, Neymar, torná-los ícones desses novos tempos e recolocá-los permanentemente no fluxo de novas idolatrias mais condizentes com a postura sacrílega da FIFA.

- 58 Ao ser interpelado por um torcedor que cobrava sua performance em campo pelo time do Barcelona na temporada de 2014, o jogador argentino Lionel Messi teria mandado o sujeito inconveniente “trabalhar”. A censura ao anônimo torcedor, que na visão do super craque deveria estar fazendo coisa mais importante do que importunar um jogador em pleno cotidiano do ir e vir num aeroporto, marca também um estado de vigília constante a que são submetidos tais jogadores, manipulados pela maquinaria da eficiência que alcança também a moral torcedora. Como se estivesse nas mãos de um colecionador de figurinhas a ditar o destino do seu próprio cromo, Messi acossado dispara o indigesto “vá trabalhar”, que não obstante opera na mesma lógica de seu importunador. Torcedor é pra aplaudir e se comportar no estádio, jogador deve jogar sob a pressão do espetáculo que deve oferecer, tudo a ampliar a infalível eficiência do espetáculo. Torcedores eficientes, jogadores eficientes ditam o padrão FIFA dentro de campo, fora dele, ela se encarregaria de gerenciar a economia política das imagens.
- 59 De volta à bricolagem, diria que vivenciamos uma espécie de sacralização dos meios e não dos fins e o que importa não são tanto os jogadores e torcedores, mas o estádio arena, a área de dispersão dos automóveis, o teto retrátil do estádio, a ideia de visão total do campo para transformar tais arenas em lugares do olhar concentrado e asséptico, ampliando outras formas de assepsia, transformando a sensibilidade do olhar e fruir do jogo numa experiência sem ambiguidades.
- 60 Sendo assim, “Iconoclasmo é quando sabemos o que está acontecendo no ato de quebrar [em princípio estátuas, ídolos num gesto de intolerância e fundamentalismo] e quais são as motivações para o que se apresenta como um claro projeto de destruição; iconoclash, por outro lado, é quando não se sabe, quando se hesita, quando se é perturbado por uma ação para a qual não há maneira de saber, sem uma investigação maior, se é destrutiva ou construtiva” (Latour, 2008:113).

Reagrupando o futebol numa cidade-sede



Tapumes cobrindo o cine Belas Artes, São Paulo. (foto do autor. 20.04.2014).

- 61 As movimentações contra a Copa, algumas capitaneadas por frações de partidos de esquerda, na esteira de outros coletivos ou ajuntamentos insurgentes que se atiraram

contra os ícones do capitalismo sem risco (a quebradeira de bancos é o exemplo paradigmático) tentaram posicionar ideologicamente o problema na ordem de uma iconoclastia esportiva pura, sendo a Copa o veu que acobertaria os ilícitos e imorais arranjos que assolam a condução da coisa pública no Brasil. O retorno triunfante do discurso do ópio do povo parece que novamente se insinuou. Mas agora não seria propriamente o futebol o fator de alienação das massas, mas a própria FIFA, condutora do espetáculo futebolístico profissional em conluio e anuência dos Estados que patrocinam cada evento da Copa.

- 62 O curioso é que há tempos alertou-se para esse fato. Uma ruidosa cascata de denúncias sobre improbidades administrativas, falta de clareza na condução dos contratos e quase ausência dos chamados legados aqui e acolá (obras de recuperação urbana, transporte e mobilidade etc), permitiram estabelecer a crítica generalizada à Copa, da esquerda à direita, vinda de muitos lados, daqueles que gostam ou não gostam de futebol por inúmeras razões. Das ruas muito se ouviu que as manifestações não eram contra o futebol, essa entidade ubíqua por excelência, mas sim contra a Copa da FIFA e os políticos que permitiram sua viabilidade.
- 63 De todo modo, o futebol e suas projeções apareceram como estopins ou vetores de novos e criativos reajuntamentos pelas cidades, dialogando com várias demandas, religando esferas de produção de imagens e permitindo novas experimentações dos espaços públicos.
- 64 E no que diz respeito à sociabilidade foi notório como os shoppings centers, aí tomo São Paulo¹¹ como referência, foram apropriados numa cadeia de ajuntamentos, primeiro pelos rolezinhos, ruidosa e plástica manifestação juvenil de ocupação de espaços que escandalizou a classe média ávida por tranquilidade dentro dessas searas de consumo, chamando a atenção dos poderes públicos já atemorizados pelas experiências ocorridas em meados do ano de 2013. Depois ocupados pelos próprios colecionadores de figurinhas, que literalmente invadiram esses mesmos espaços para celebrarem ali encontros do não consumo, escambos de figurinhas compradas em outros lugares a pactuar uma sociabilidade mais tolerada porque afinada às aspirações de classe de quem frequenta tais espaços.
- 65 Dois eventos que pensados em conjunto ou reagrupados tal como as próprias figurinhas compartilham dos efeitos iconoclashes já aludidos: ambos nascidos nas redes sociais, ambos se colocando mais à margem ou como subprodutos do processo de consumo, ambos usufruindo de espaços privados para fins outros, ambos dizendo coisas fora da ordem consumerista e motivados por singelas e graciosas demandas vindas de estilizações singulares presentes na vida urbana. A mobilidade e a fluidez desses grupos (vale também em alguma medida pra se pensar as manifestações de julho de 2013) conferem alta velocidade e reversibilidade dessas novas formas de sociabilidade.
- 66 E iconoclash à sua maneira, movimentações em torno da Copa ou motivadas por ela fizeram uma multiplicidade de agentes coabitarem espaços urbanos contíguos, ambigüizando os sentidos mais corriqueiros entendidos como demandas políticas (convicções ideológicas, de classe, valores como cidadania, justiça, trabalho, lazer, direito à cidade etc). Dos contrários ao megaevento esportivo, passando pelos frequentadores dos rolezinhos aos colecionadores e fãs de figurinhas, torcedores, quase torcedores, não torcedores, o que se viu foi a produção dessas ambigüidades. E valores culturais como nacionalismo, identidade brasileira, aderência incontestante ao futebol foram tiradas do seu

sossego antropológico ou da inércia representacional para serem recolocados, ou melhor reagrupados, mais uma vez, no fluxo ininterrupto das sacralizações e dessacralizações que propagaram mundo afora alguns dos indícios e, sobretudo as imagens de que algo vem mudando no país do futebol.

BIBLIOGRAPHY

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo, Companhia das letras, 1993.

CAMPOS, Flávio & TOLEDO, Luiz Henrique. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. *REVISTA USP*. São Paulo, no 99, p 123-138, set/out/nov, 2013.

DAMO, Arlei. *Do dom à profissão. A formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo, Hucitec/Anpocs, 2007.

_____. O desejo, o direito e o dever - a trama que trouxe a Copa ao Brasil. *Movimento: Porto Alegre*, v. 18, n. 2, p 41-81, 2012.

GELL, A. "A rede de Vogel, armadilhas como obras de arte e obras de arte como armadilhas". *Arte e Ensaios - Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais. Escola de Belas Artes, UFRJ*, ano VIII, no 8: p 174-191, 2001.

LATOURETTE, Bruno. "Não congelarás a imagem", ou: como não desentender o debate entre ciência-religião. *Mana*, 10(2):349-376, 2004.

_____. *Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory*. New York, Oxford University Press, 2005.

_____. O que é iconoclash? ou, há um mundo além das guerras de imagem? *Horizontes Antropológicos, Porto Alegre*, ano 14, n. 29, p. 111-150, jan./jun. 2008.

LEIRNER, Piero. *O percurso do ídolo*, mimeo, 2012.

LÉVI-STRAUSS. "A ciência do concreto". *O Pensamento Selvagem*. Campinas, Papirus, 1989.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Lógicas no Futebol*, São Paulo: Hucitec & Fapesp, 2002.

_____. "Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010". In: Toledo, L.H.; Malaia, J.; Buarque de Holanda, B.; Andrade de Melo, V. (orgs). *A Torcida Brasileira*. Rio de Janeiro: Sete letras, 2012.

_____. Ritual sem dono, evento sem nome. Os segredos da transformação da Copa do Mundo em um megaevento. *Coletiva, Recife*, no 8, abril, maio e jun, 2012b.

_____. "Quase lá: a Copa do Mundo no Itaquerão e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora". *Horizontes Antropológicos*, ano 19, n. 40, p 149-184, 2013.

NOTES

1. Cromo é sinônimo de figurinha.

2. A responsável desde 1970 por confeccionar e distribuir as figurinhas é a empresa italiana Panini.
3. “O presidente da Panini no Brasil, José Martins, explicou como é feita a escolha das seleções: “Contamos com técnicos que acompanham os campeonatos nacionais e jornalistas que ficam em contato com os times na tentativa de escolher para o álbum o time mais próximo da lista oficial. É difícil acertamos totalmente, mas não encaramos como um erro quando não é igual a escalação oficial”, disse.” *Panini lança oficialmente o álbum de figurinhas da Copa do Mundo de 2014, nesta segunda.* 31 de março de 2014. Disponível em: http://acritica.uol.com.br/craque/Panini-oficialmente-figurinhas-Copa-Mundo_0_1111688827.html. Acessado em: 26 de abril de 2014.
4. Em comunicação por escrito o antropólogo Piero Leirner, depois de ler uma versão desse artigo fez as seguintes considerações, de tão pertinentes as transcrevo: “*Mas tem outra coisa, que acho que agora mudou com o celular. Até pouco tempo atrás, as pessoas carregavam 3X4 dos amados nas carteira. Era também uma espécie de “sub-aliança”, e o retrato dos filhos é uma coisa que quase chega ao nível da troca da figurinha; um mostra pro outro, ‘olha o meu aqui...’. Agora, isso foi condensado no celular, que carrega mais fotos, coloridas e filmes*” (em 25.04.2014).
5. “Trocando em miúdos”, de Chico Buarque e Francis Hime, cita a carteira de identidade, que contém a foto 3X4, como signo maior do espólio de uma relação amorosa que se diluiu melancolicamente. A certeza do “eu” da identidade pessoal seria o único sinal de recomeço após malfadada relação. Em outras canções a “3X4” aparece para explicitar contextos urbanos distintos: “Eu me lembro muito bem do dia em que eu cheguei. Jovem que desce do norte pra cidade grande. Os pés cansados e feridos de andar légua tirana...E lágrima nos olhos de ler o Pessoa e ver o verde da cana. Em cada esquina que eu passava um guarda me parava, pedia os meus documentos e depois sorria, examinando o três-por-quatro da fotografia e estranhando o nome do lugar de onde eu vinha”. (Belchior, Fotografia 3X4, *Alucinação*, 1974); “Um copo de cerveja. Debruçado sobre a mesa O copo era a minha companhia. Garçon desce mais uma. Num porre de espuma. Eu vou beber até raiar o dia. Desculpe meu amigo. Se estou embriagado. Mas foi aqui que tudo começou. Aqui a conheci. Nesta mesa a perdi. E hoje choro a falta deste amor. Eu vou pagar a conta. A conta da tristeza. E nisso cai na mesa o seu retrato. Veja amigo este rosto. É a razão do meu desgosto. É a moça dessa foto 3x4”. (Gilberto e Gilmar, Foto 3x4, *Foto 3X4*, 2005).
6. Para verificar os números comparativos que apontam aumento substantivo do consumo das figurinhas entre as duas últimas copas (2010 e 2014) consultar, por exemplo, <http://vejasp.abril.com.br/materia/album-figurinhas-da-copa>.
7. Stycer, Maurício. Opinião: Figurinhas da Copa com publicidade são um abuso. 7 de abril de 2014. Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/04/07/opinioao-figurinhas-com-publicidade-sao-um-abuso.htm>. Acessado em 20 de abril de 2014.
8. Colecionadores reclamam, e Panini promete trocar figurinhas de publicidade, 10 de abril de 2014. Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/04/10/colecionadores-reclamam-e-panini-promete-trocar-figurinhas-de-publicidade.htm>. Acessado em: 15 04 2014.
9. Não sabe por que coletar o álbum da Copa? Especialistas dão 10 motivos, 5 de abril de 2014. Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/04/05/nao-sabe-por-que-coletar-o-album-da-copa-especialistas-dao-10-motivos.htm>. Consultado em: 15/04/2014.
10. Em 2013 houve um intenso debate na imprensa brasileira a respeito das biografias, de um lado artistas e algumas pessoas públicas contrárias às publicações de biografias não autorizadas, de outro, biógrafos e parte da opinião pública que julgava que tais proibições evocavam os tempos da ditadura onde a livre expressão era cerceada. De todo modo, biografias podem servir de exemplos iconoclastas na medida em que destroem e reconstróem seus personagens, habitam, quero crer, o terreno das ambiguidades; produzem e são em si mesmas mediações interessantes por onde se perscrutam as paradoxais relações entre fãs e ídolos.

11. As trocas de figurinhas acionadas pela internet listaram vários espaços na cidade de São Paulo, entre elas inúmeros shoppings centers. Eu mesmo participei de um evento desses no dia 23.04.2012 e pude ensaiar ali uma observação mais acurada sobre essa dinâmica. Segue a lista de estabelecimentos que serviram de pontos de encontros de colecionadores: Shoppings Santana, Morumbi, Eldorado, Bourbon, Tatuapé, Aricanduva, Center Norte, Ibirapuera. Agradeço a Soraya Gebara por me colocar em contato com essa lista e disponibilizá-la de seu facebook. Além do mais, muitas das informações retiradas de sites vieram da sua atenta pesquisa que acabei consultando fartamente nesse texto.

ABSTRACTS

Trato o futebol numa nova rede de ações e imagens a partir do momento em que o Brasil passou a sediar a Copa do Mundo sob os auspícios da FIFA. Partindo das figurinhas e de seus onipresentes colecionadores discorro sobre as movimentações que causaram reboliço na cidade de São Paulo ao longo do ano de 2013 e 2014. A pergunta não explicitada, mas que está embutida ao longo de todo o artigo - até onde um álbum de figurinhas pode nos levar? - recoloca questões conceituais sobre como operam os regimes de classificação simbólica das alteridades presentes na cidade e, sobretudo o lugar do controverso megaevento em diálogo com essa complexidade de agentes e imagens continuamente produzidas por ele, para ele e sobre ele.

INDEX

Palavras-chave: figurinhas, imagem, antropologia das práticas esportivas, futebol, copa do mundo

AUTHOR

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO

Antropólogo, UFSCar